

Helvio Romero/AE 18.09.01

Dívidas de empresas chegam a US\$ 33,3 bi

Os gastos do setor privado com pagamentos da dívida externa devem chegar a US\$ 33,3 bilhões este ano, um aumento de 50% em relação a 2003, segundo o Banco Central. Diante de volume significativo, o endividamento do país no exterior ainda é apontado como uma das principais vulnerabilidades da economia brasileira e pode se tornar um problema no caso de uma crise internacional. “Não dá para dizer que se trata de uma tendência. Devido ao perfil da dívida contraída recentemente, coincidiu de, neste ano, concentrar um volume maior de vencimentos”, analisa a economista Leda Paulani, professora da Universidade de São Paulo. “Mas a vulnerabili-

dade externa do Brasil permanece”, completa.

Um dos principais riscos, segundo Leda, está na possibilidade de os juros norte-americanos serem elevados. Esse aumento ocorreria para evitar que o crescimento da economia dos EUA gere pressões inflacionárias. Com isso, os investidores internacionais iriam preferir direcionar suas aplicações para o mercado americano, onde obteriam uma rentabilidade um pouco melhor.

“O aumento das taxas de juros nos EUA vai acontecer em algum momento. Se for neste ano, vai pegar o Brasil num período ruim”, diz. Apesar disso, ressalta a economista, a melhora nos saldos da balança co-

mercial observada desde o ano passado deve ajudar a amortecer um eventual choque.

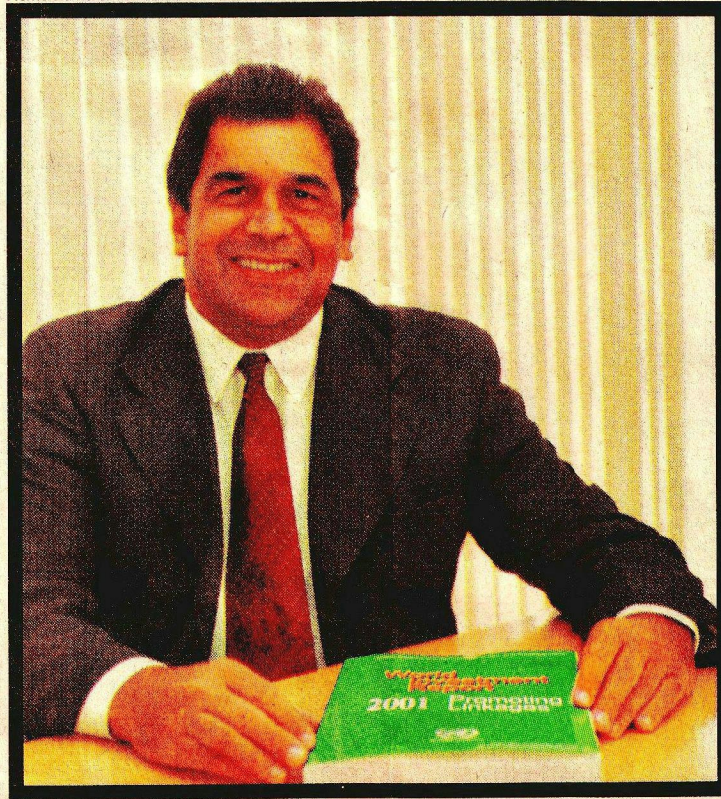
Alerta

Relatório enviado a investidores na semana passada pela agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) voltou a alertar para os problemas das contas externas brasileiras. “Os indicadores externos do Brasil são mais fracos do que o de países semelhantes”, diz o documento. “De forma geral, a capacidade do Brasil de conseguir empréstimos é limitada pelos fracos indicadores externos do país. Os gastos com a dívida externa estão entre os mais altos na relação dos países analisados pela S&P”, afirma o relatório.

A dificuldade em financiar seus compromissos externos foi o principal problema causado pela crise enfrentada pelo país em 2002. Às vésperas das eleições, muitos bancos se nega-

ram a emprestar dinheiro às empresas brasileiras, que se viram obrigadas a enviar dólares para fora para pagar suas dívidas. A fuga de recursos levou à disparada do dólar, que, por sua vez, pressionou a inflação e fez com que o BC, na ocasião, aumentasse os juros.

O economista Antônio Corrêa de Lacerda, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), concorda com a avaliação de que a vulnerabilidade do Brasil persiste. “Mas, num cenário internacional de baixos juros, a situação é relativamente tranquila”, afirma. Lacerda diz, porém, que outros dois fatores também podem afetar o financiamento da dívida externa brasileira: a crise política enfrentada pelo governo com o caso Waldomiro Diniz e a instabilidade gerada por atentados terroristas como o ocorrido em Madri, em 11 de março.



CORRÊA: COM JURO BAIXO NÃO HAVERÁ DIFICULDADES PARA QUITAR DÉBITOS